

INTEGRANDO OS NÍVEIS INDIVIDUAL, CULTURAL E INSTITUCIONAL DO RACISMO

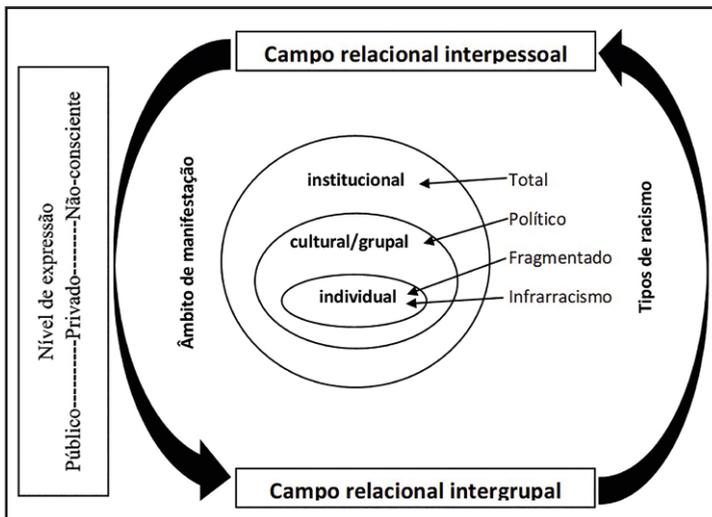
Para o sociólogo Michel Wieviorka (1995), existem quatro planos de manifestação do racismo: infrarracismo, racismo fragmentado, racismo político e racismo total. Esses planos nos ajudam a pensar a relação entre os níveis individual, cultural e institucional do racismo. O infrarracismo e o racismo fragmentado estão num nível mais individual de expressão do fenômeno. Nele, o racismo se confunde com a xenofobia e com o preconceito; sendo um “não gostar” do outro porque ele pertence a um grupo diferente. Trata-se de um racismo muitas vezes não consciente e, quando consciente, se esconde para driblar a norma antirracista mediante expressões privadas, sub-reptícias. Nos planos do racismo político e total, a cultura racista começa a se estruturar, criando instituições que, aos poucos, vão tornando as suas expressões permitidas e construindo uma sociedade que se organiza em termos racistas. Nas palavras de Wieviorka, o racismo só adquire coesão quando atinge um plano político. A tal ponto que:

A coisa mais preocupante para uma sociedade não é a existência do racismo fragmentado - ainda que potencialmente estabelecido -, mas a existência de atores políticos capazes de levar o racismo através das linhas em que ele se torna uma força de mobilização coletiva, uma força que pode ser capaz de capturar um estado de poder. (WIEVIORKA, 1995, p. 42).

Michael Billig (1984), um psicólogo social britânico, nos dá um bom exemplo de como os níveis individual, cultural e institucional do racismo se interpenetram. Imagine que o dono de uma rede de lojas sofisticadas de um shopping center se recuse a ter funcionários negros. Ele argumenta que não se trata de racismo individual, mas porque seus clientes (cultura) são racistas e isso prejudicaria a venda nas lojas. O fato de ele não contratar profissionais negros ajuda a reproduzir a discriminação de haver maior desemprego entre os negros (racismo institucional). O fato de haver mais negros em situação de desemprego ajuda a confirmar as crenças de que os negros “não gostam de trabalhar”, “não se esforçam” etc. (racismo cultural), que, por sua vez, ensina e alimenta o racismo individual. Situações assim, infelizmente, ainda acontecem na vida real do Brasil muito rotineiramente, como demonstraram Pereira, Torres e Almeida (2003), num engenhoso estudo experimental.

O fluxo dinâmico nas relações entre o espectro e os espaços de expressão do racismo com seus níveis de produção é destacado na Figura 10. Nela, são integrados níveis de expressão do racismo (não consciente, privado e público), com o âmbito das relações sociais (interpessoal e intergrupar), considerando os âmbitos de manifestação do racismo (individual, cultural e institucional), para gerar tipos de racismo (infrarracismo, racismo fragmentado, racismo político e racismo total). Não obstante o aspecto estático da figura, sabemos que essas expressões e mecanismos do fenômeno são dinamicamente interconectados, respeitando as situações e contextos espaço-temporais específicos.

Figura 10. Esquematização das relações entre as lógicas e níveis de expressão do racismo



(Adaptada de LIMA, 2019, p. 163)

Até aqui, definimos o racismo e discutimos como ele se expressa e se manifesta através de níveis ou planos diversos. Você deve ter notado que a maior parte da literatura adotada até então foi estrangeira, sobretudo norte-americana. Não se trata, esperamos, de um complexo vira-latas responsável por não valorizarmos adequadamente a produção nacional sobre o tema. Talvez seja algo um pouco pior, ainda existe pouca produção nacional sobre racismo, principalmente na nossa área, a psicologia social, que, como vimos, prefere o termo “preconceito racial”. O tópico seguinte será dedicado à parte daquilo que as ciências humanas do Brasil conseguiram produzir sobre o tema.

